



## A compreensão da sombra

Os espíritos guardiões são ainda, como os outros mentores que se manifestam nas religiões brasileiras, seres malcompreendidos e reinventados segundo a compreensão, o alcance, a fé e a conveniência da maior parte daqueles que se ligam a essa forma de se comunicar com um mundo tão próximo, tão necessário e, ao mesmo tempo, tão distante dos vários modos comportamentais dos seres humanos.

Estar em contato com eles é, acima de tudo, um mérito poucas vezes pensado e aquilatado. Ter a mente equilibrada para lidar como mediador de um mundo ético na relação direta com um mundo moral em declínio, por vezes, tira da razão e do caminho muitos que durante um longo tempo procuram se dedicar à espiritualidade da melhor forma possível. Lidar com as questões dos espíritos guardiões não é tarefa fácil, não é algo que se deva levar como corriqueiro e, menos ainda, como diversão, mesmo que esses enviados do astral superior tratem os encarnados como amigos próximos e tenham com eles diálogos, posturas e atitudes pouco ortodoxas.

Esse lado da moeda abrange a visão da sombra como algo necessário a uma compreensão do momento em que aquelas pessoas vivem.

Há aqueles que entendem a espiritualidade apenas dentro de sua própria órbita e não é ainda possível tirar-lhes de sua compreensão para uma nova identidade sem antes dar-lhes o mínimo de comodidade e confiança em seu próprio ambiente. Os chamados Exus na Umbanda são esses expoentes de uma capacidade única de extraírem o melhor do pior, de darem esperança onde a luz, por merecimento dos que habitam as trevas, não tem como chegar, mas enviam seres que a ocultam e mostram apenas uma tênue luminosidade que não machuca, não afasta, mas, antes, atrai, guia e aquece os que estão perdidos sem visão e sem noção de espaço. Em razão disso, usam os elementos mais próximos daqueles que buscam socorrer: as atividades do instinto, das vaidades, dos vícios, das alegrias, das vontades e das ilusões. São a concretização das verdades do deus Dioniso, o deus dos ciclos vitais, das festas, da bebida, das insanidades.

Os Exus são aqueles agentes mercuriais que ligam o que há de mais baixo com o que há de mais alto, são o sinal mais exato de uma esperança que desce até a habitação dos desesperados e os resgata. Assim como Dioniso, são os protetores dos que não pertencem à sociedade convencional. Lidam com o caos, com o que é perigoso, com o que é inesperado e sem razão. Os que beiram a loucura têm sua atenção.

Uma tradição se faz contínua com a compreensão do passado e um futuro claro, por onde vislumbramos, sem qualquer dúvida, os caminhos que se descortinam quando olhamos para um símbolo, quando ouvimos uma palavra, quando entendemos que a vida prossegue melhor para quem procura uma casa espiritual.

Mãe Cacilda de Assis foi indubitavelmente uma das maiores médiuns de Umbanda em todos os tempos, pois são inquestionáveis suas impressionantes giras com o Exu Sete da Lira, que marcou época e mostrou o poder que têm as religiões afro-brasileiras. Sem dúvida, o mundo espiritual não muda os panoramas dos encarnados porque não quer, pois tem outros planos, outras visões e outros caminhos. Bastaram duas aparições em programas de televisão de uma entidade tão polêmica como um Exu para movimentar todo o país. Esse foi o motivo maior de sua glória e também de seu sacrifício.

O Rei da Lira se apresentava como Exu, muito embora suas características originais o liguem também ao mundo da encantaria, onde é conhecido como Sete Rei da Lira, José das Sete Liras ou o Rei das Sete Liras. Poucos conhecem as lendas dessa entidade enquanto encantado, que começa na Idade Média e vai até sua reencarnação no século XIX. Na Espanha Medieval, havia um casal: Caio e Zelinda. Caio era um descendente de gregos que tocava e fabricava instrumentos musicais, especialmente liras; Zelinda era uma bela negra africana que, escondida dos poderosos da época, fazia rituais mágicos.

Tanto a lenda do encantado como a forma de apresentação do Exu Sete da Lira são traduções inconscientes das figuras alquímicas<sup>1</sup> que existem no imaginário do planeta, sustentadas por anos a fio de ritos, crenças e fé dos seres humanos, que se utilizando da força dessa egrégora produzem e mantêm acesa as histórias que permeiam as religiões do mundo. Essa força vem desde a pré-história e pode ser vista como expressões variadas de arquétipos antigos cuja imagem mental se pronuncia e se recria de tempos em tempos, acobertando uma verdade quase inacessível que só é revelada pelo esforço de poucos que se dedicam a entrar no mundo dos símbolos e das expressões ocultas comparadas.

Voltando à história de Caio e Zelinda, estes tiveram um filho chamado José, que era muito inteligente e tocava instrumentos como ninguém. O garoto herdou do pai o gosto para tocar e fabricar liras, das quais construía 7 diferentes modelos. Da mãe herdou os poderes paranormais: curava pessoas doentes, movia objetos com o olhar, tinha sonhos premonitórios, via a aura das pessoas etc. Na adolescência, conta a lenda que o garoto passou a incorporar espíritos enquanto tocava, e uma dessas almas seria a do bíblico Rei Davi. Por fazer muito sucesso com as mulheres, um marido ciumento entregou-o para os representantes da Igreja, acusando José das Sete Liras de bruxaria. Assim, foi queimado na fogueira pela Inquisição.

A fama do Exu Sete Rei da Lira que baixava em Mãe Cacilda começou a crescer rapidamente devido às características inusitadas de suas

---

<sup>1</sup> Sobre o mistério das formas de apresentação das entidades de Umbanda e a representação alquímica de seus símbolos, veja o *Magistério solar*, de Mestre Obashanan.

giras: músicas de todos os tipos podiam ser cantadas e tocadas, além da impressionante ingestão de litros e litros de “marafó” e da roupa ritualística bordada em veludo preto, combinada com botas, capas e cartola. Quem presenciou a manifestação desse espírito se impressionou com o magnetismo e com a capacidade de movimentação das pessoas que corriam ao seu templo, em Santíssimo, um bairro do Rio de Janeiro. As notícias se davam boca a boca. Os casos de cura de doenças gravíssimas, por exemplo, se espalharam rapidamente, e a gira de Seu Sete chegou à marca impressionante de mais de cinco mil pessoas por rito.

Mãe Cacilda era compositora e escritora e tinha um programa na Rádio Metropolitana de Inhaúma. Para se ter uma ideia da fama de Seu Sete, artistas como Tim Maia, Freddie Mercury e o grupo Kiss estiveram por lá, até que um dia o apresentador Flávio Cavalcanti convidou o Exu a baixar em rede nacional. Ao contrário do que se esperava, Seu Sete concordou, e foi aí que o “dendê ferveu”!

Eu me lembro bem do fato, pois todo mundo comentou: foi em 1971, eu tinha 5 anos e me é inesquecível o sotaque de uma portuguesa da vila em que eu morava, no bairro do bexiga, em Sampa, agressiva e transtornada, ao comentar: “Um absurdo, como deixaram um demônio daqueles baixar no programa do Chacrinha? Viram o que ele fez?” A revolta da mulher, católica radical (ainda não existiam os neopentecostais, que mais tarde se aproveitariam do mesmo tipo de discurso), era acompanhada de uma credulidade não assumida: “Tudo bem, o santo baixou em todo mundo, isso realmente é difícil de explicar, mas...”

Incorporada pelo Exu Seu Sete Rei da Lira, Cacilda havia transformado os programas de Chacrinha e de Flávio Cavalcanti num verdadeiro ritual de Quimbanda, daqueles mais bravos. Não se questiona aqui a veracidade da presença do Exu naqueles momentos, ou se é válido esse tipo de exposição ou de manifestação em público, mas há a verdade inquestionável de que algum poder realmente tomou conta das pessoas naqueles programas, pois plateia, cantores, assistentes de câmera, seguranças, contrarregas e outros entraram em transe, desmaiaram ou foram “mediunizados” por Exus e outras entidades.

Inabalável, Seu Sete da Lira, após “tocar a macumba” no programa de Flávio Cavalcanti, sem desincorporar, saiu de carro dos estúdios

da TV Tupi acompanhado por seus cambonos e foi até os estúdios da Rede Globo, no programa do Chacrinha. Nem bem entrou no palco, o mesmo fenômeno aconteceu: chacretes, músicos, diretores e outros entraram em transe.

O próprio Chacrinha, o rei da caricatura e da esbórnia, ficou sem ação, conforme o relato do professor universitário Paulo Duarte:

*“[...] me causou espanto, assistir, há dias àquele espetáculo de ‘Seu Sete’, apresentado como se fosse um retrato do Brasil: uma ‘mandingueira’ de cartola e charuto, espargindo cachaça pela multidão em transe, como um sacerdote o faz com água benta. Um adolescente entrou para colaborar, quando foi ‘tomado’ diante da Mãe de Santo. Esta, que já bebera em público largos goles de pinga, esborrifou-lhe o rosto com um pouco da bebida, aos efeitos mágicos da qual o moleque voltou à razão em meio ao alvoroço da multidão, sob o patrocínio de um Chacrinha mais inconsciente que legítimo.”*

Na Censura Federal, centenas de telefonemas de protestos e de narrativas de pessoas que haviam entrado em transe em suas casas entupiram as centrais telefônicas; a Igreja Católica, constrangida, reuniu sua cúria para debater o problema; e a concessão das duas emissoras de TV quase foram suspensas pelo governo, alegando a defesa da “moralidade” e dos “bons costumes”.

Na verdade, o que podemos concluir é que a Umbanda e as religiões afro-brasileiras fazem parte de uma parcela do imaginário brasileiro – principalmente a Quimbanda. Se forem colocadas à mostra em sua totalidade, podem gerar efeitos inesperados no senso comum e no padrão das classes sociais e religiosas acomodadas, pois raramente se viu na história da cultura brasileira a religiosidade das classes subalternas manifestar-se de modo tão espontâneo e incontrolável e em escala nacional como foi feito pelo Sr. Exu da Lira, e só por ele, sozinho!

Pela primeira vez na história do país, cujo Estado e cujas classes dirigentes desfiam ao longo dos tempos uma compreensão e narrativa eurocêntricas sobre si mesmos, a sociedade brasileira se viu obrigada e se olhar no espelho tão profundamente que não aguentou se ver tão

frágil e desnuda diante dos efeitos do trabalho de um Exu Guardião. As reações subsequentes revelaram ainda posicionamentos elitistas arraigados nas velhas estruturas de dominação e da luta de classes no plano das representações simbólicas. Entre o próprio povo do santo a coisa se dividiu: em conversa com nosso querido amigo pai Pedro Miranda, ele nos relatou que certas “cúpulas” umbandistas da época recusaram-se a entender o fenômeno “da Lira” e também tentaram abafar o caso.

Sem querer polemizar, mas sem medo de errar, Mãe Cacilda talvez tenha sido a maior médium que passou pelas religiões afro-brasileiras, seguida por outros baluartes, como Zélio Fernandino de Moraes, Domingos dos Santos, João Carneiro de Almeida, José Álvares Pessoa, Manoel Nogueira Aranha, João de Freitas, Cavalcanti Bandeira, Cícero Bernardino de Melo, Narciso Cavalcanti, Félix Nascente Pinto, Jerônimo de Souza, Henrique Landi Júnior, Matta e Silva, Tancredo da Silva Pinto, Áttila Nunes (pai), Omolubá, Joãozinho da Gomeia, Flavio da Guiné, dentre outros, mas nenhum deles com tamanho poder mediúnico de cura, amor ao próximo e, claro, polêmica. Só poderia ser Exu mesmo...

Perseguida, Mãe Cacilda se isolou, mas não foi abandonada por Seu Sete. Trabalhou até o fim de seus dias, conforme verá o leitor ao adentrar neste incrível livro, brilhantemente escrito por nosso filho, o mestre Karaiman, que honra com postura, ética, trabalho e respeito sua iniciação. Honra a nossa Casa, seu Clã e nossa Tradição. Permita-me desejar-lhe vida longa e iluminada.

E assim, vamos respeitosamente adentrar nos bastidores da Quimbanda do Brasil...

Ao Sr. Sete Rei da Lira: Mojubá, Exu!

*Obashanan*  
*Grão-mestre de iniciação do Templo da Estrela Verde,*  
*a casa do Caboclo Aymoré*



## Ela chegou. Ele chegou!

“Ele também veio de longe  
veio trazer um aperto de mão  
Seu Sete é meu amigo e é dono do meu coração  
Seja de dia ou ao amanhecer, bebo com ele e bebo com prazer  
Em cada gole ele está trabalhando,  
me ajudando a lutar e vencer”  
(*A lutar* – Aloisio Pimentel, 13/06/1958).

Uma multidão agitada se formava em frente à sede da TV Tupi, no Rio de Janeiro, no imponente prédio da emissora, que ficava à beira da praia da Urca. As pessoas se apertavam, gritavam, mostravam fotos, objetos, enquanto o motorista tentava posicionar o veículo de forma segura para que Cacilda de Assis não fosse sufocada pela multidão, que estava ansiosa por ver tanto ela como a entidade que recebia, a qual atendia, curava e aliviava as dores do povo. Afinal, tratava-se de uma ocasião inédita na mídia brasileira: era a primeira vez que uma

entidade representativa da Umbanda chegava à tamanha exposição pública.

Sucesso de audiência, o polêmico programa do apresentador Flávio Cavalcanti receberia naquela tarde de 29 de agosto de 1971 a Mãe de Santo Cacilda de Assis, uma das médiuns mais cultuadas da história da religião brasileira graças ao Exu que lhe assistia: o Exu Sete Encruzilhadas Rei da Lira. Aos 13 anos de idade, Cacilda recebeu pela primeira vez o Seu Sete Rei da Lira, o qual foi assentado em 13 de junho de 1938, aos 15 anos, quando Cacilda recebeu sua iniciação de seu Pai espiritual, Benedito Galdino do Congo, em Coroa Grande, Itaguaí, região litorânea do Rio de Janeiro. Desde então, em seu terreiro, primeiro numa pequena tenda, em Cascadura, seguido por outra Tenda em Cavalcanti e, por fim, no bairro do Santíssimo, Zona Oeste carioca, recebia milhares de pessoas, que procuravam a casa em busca de solução para seus males do corpo e da alma, os quais eram sanados pela música, o charuto e o marafó curativos de Seu Sete Rei da Lira, tornando-se a entidade mais famosa da Umbanda no país.

Dentro do estúdio da Tupi, o programa havia começado. Transmitido ao vivo, a todo o momento sob um fundo musical de suspense para criar expectativa, Flávio Cavalcanti anunciava a presença de Seu Sete no programa daquele dia. Ele estava prestes a entrar. A plateia e os espectadores ansiavam por sua chegada. Lá fora, o convidado especial chegava ao prédio da emissora. Uma carreata de carros particulares acompanhava-o, formada por fiéis e admiradores no decorrer da viagem do sítio em Santíssimo até a sede da emissora na Urca, o que lhes causara grande surpresa à medida que iam se reunindo.

Ao se aproximarem da sede da TV Tupi, outro grande susto: além dos fiéis, que acompanharam a carreata que seguia Seu Sete, quando chegaram ao destino depararam-se com uma imensa massa de pessoas, que aguardavam a chegada de Seu Sete. Aquela multidão era formada por pessoas das mais diversas procedências e que enfrentavam os mais diversos tipos de problemas. Eram pessoas que,

por motivos diversos, não conseguiriam se deslocar até o Centro de Santíssimo e viram naquela ocasião a oportunidade que tanto desejavam para conhecer o famoso Guardião Curador.

A própria Cacilda havia hesitado em ir ao programa. Aquele dia sentiu-se muito ansiosa, pois sabia, mesmo que a seu contragosto, do compromisso de Seu Sete na TV horas mais tarde. Como de costume, havia acontecido o trabalho do sábado que, entre uma mesa e outra, atravessou o nascer do domingo. De fato, a presença de Seu Sete na TV só fora confirmada no momento em que ele se preparou para tal, pois, até então, havia incerteza dentro do Centro. A própria Mãe Cacilda não desejava nem apoiava tal aparição. Mesmo com tudo acertado e combinado com a produção tanto do “Programa Flávio Cavalcanti”, na Tupi, quanto do programa “A Hora da Buzina”, na TV Globo, também marcado para aquele dia, a sacerdotisa passara aquela semana inteira anterior afirmando que não via com bons olhos a situação. Aos mais próximos, ela afirmava:

– Não quero ir, não me obriguem a fazer algo que não quero.

Percebendo que sua médium não manifestava grande ânimo para dar passividade ao fato, o “homem” resolveu vir por conta própria. Em horário aproximado ao combinado com as produções, Seu Sete apoderou-se de Mãe Cacilda. Ao chegar, reafirmou o motivo daquela manifestação diferente, mas necessária.

Em sua sabedoria de tantas vidas já vividas, Seu Sete Encruzilhadas Rei da Lira sabia que aquela era uma oportunidade de levar a um público maior a Umbanda e sua mensagem. Tudo o que Mãe Cacilda construía desde a infância, quando iniciou os trabalhos na pequena Tenda, posteriormente se mudando para um lugar maior e com mais estrutura para receber quem os procurava, o Sítio Santo Antônio, o “Maracanã da Fé” como foi apelidado o local por ser o maior templo de culto umbandista construído até hoje, passava em sua mente como num filme: as curas, as vivências, a devoção, as experiências que a religião havia acumulado até ali. Tantas noites de sábado, tantas Horas Grandes, tantas canções entoadas, tantos

desfiles de Carnaval, tantos necessitados recebidos e atendidos, não raro, milhares em uma única noite. Era hora de evidenciar tudo aquilo vivido, toda aquela caminhada.

Já manifestado, Seu Sete disse ali, prestes a entrar no palco diante das câmeras para ser visto por milhões de espectadores:

– Eu vou! Eu vou por que sou mensageiro do amor e irei mandar minha mensagem. Depois vemos o que vai dar...